



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8666 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 04/GT 12 - Didática e Currículo

UMA “BOA ESCOLA” PARA JOVENS TOCANTINENSES, MARANHENSES E PARAENSES DA/NA AMAZÔNIA-TOCANTINA

Marcos Irondes Coelho de Oliveira - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Jose Damiao Trindade Rocha - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

UMA “BOA ESCOLA” PARA JOVENS TOCANTINENSES, MARANHENSES E PARAENSES DA/NA AMAZÔNIA-TOCANTINA

Resumo: Comumente, Ibero-América é a região do continente americano que engloba os países ou territórios onde se falam predominantemente o português ou espanhol. Estudos sobre educação ibero-americana fundamentam nossa pesquisa bibliográfica da Tese, em andamento no PEGED/UFPA/UFT. Dialogamos com autores como Ines Dussel (2005), Gilles Lipovetsky (2016), Juarez Dayrell (2007; 2016), Massimo Canevacci (2005). Nossa problemática é sobre o sentido de uma “boa escola” para os jovens e juventudes do ensino médio das escolas públicas tocantinenses, maranhenses e paraenses, da/na região amazônica-tocantina. Uma “boa escola” é aquela que todos os jovens e juventudes possuem a mesma oportunidade de apreender e acessar conhecimentos de qualidade referenciados socialmente. Uma “boa escola” é um ambiente livre de discriminados e discriminadores. Uma “boa escola” é “lugar” de acesso e permanência com êxito, uma “boa escola” melhora constantemente seu projeto curricular, é a boa educação que queremos para geração de jovens do bicentenário da independência dos estados iberoamericanos.

Palavras-chave: Boa escola; Jovens e juventudes; Educação ibero-americana; Amazônia-tocantina.

Introdução

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que subsidiará a construção de tese sobre a escola como “lugar” e não-lugar” (AUGÉ, 2005) para os jovens do ensino médio das escolas públicas. Para compreender a concepção de *não-lugar* é necessário compreender a concepção de *lugar antropológico*. Sendo assim, lugar antropológico um espaço identitário, relacional e histórico. O não-lugar é o seu oposto, ou seja, espaços não identitários, não relacionais e não históricos. Na sociedade contemporânea os *lugares* vão se perdendo, desaparecendo, sendo substituídos pelos *não-lugares*, tais como aeroportos, hipermercados, centros comerciais, praças, hotéis, escolas que mais parecem *shopping centers*.

É uma pesquisa qualitativa na perspectiva da pesquisa ação, participativa, na busca de entendimento do fenômeno jovens e juventudes.

Nesse sentido pesquisar fenomenologicamente é:

Pesquisar, segundo Joel Martins, quer dizer “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez”... A interrogação se mantém viva porque a compreensão do fenômeno não se esgota nunca (BICUDO & ESPÓSITO, 1997, p. 24).

Propusemos na pesquisa uma abordagem interpretacionista da realidade contemporânea, enfatizando a descrição fenomênica na busca de o sentido ao fenômeno investigado.

Por se tratar de uma pesquisa das/nas ciências humanas, na área da educação, recorre-se a Rocha e Maia (2017, p. 221) alinhado ao entendimento de que “na área de educação quando tratamos da abordagem qualitativa entendemos aquelas práticas de pesquisas que fazem referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”, portanto, aporte da “pesquisa implicada”:

A fenomenologia é um termo formado por “fenômeno” e “logos”, podendo ser entendido como “o discurso do que se mostra como é” sendo assim o discurso concebido como “o falar inteligível sobre o que se mostra”. Todavia, a fenomenologia não é uma modalidade de pesquisa aparentemente “mais fácil” ou substitutiva do paradigma técnico e positivista de ciência. O enfoque fenomenológico em pesquisa qualitativa implica apreender a educação como fenômeno, assim como a diversidade sexual e de gênero, fenomênica (ROCHA; MAIA, 2017, p. 224).

Esses autores, em seus trabalhos, problematizam a pesquisa qualitativa em educação, lançando seus olhares epistemológicos sobre essa abordagem metodológica, numa perspectiva fenomenológica, etnometodológica e etnopesquisa crítica, na busca de compreender seus limites e possibilidades, ou seja, buscam compreender a etnometodologia e a etnopesquisa crítica enquanto possibilidade de pesquisa, de inspiração fenomenológica, para a pesquisa em educação.

Entendemos que “a pesquisa em educação propõe ruptura com o paradigma positivista e que a fenomenologia se contrapõe ao modelo generalista e universalizante da pesquisa quantitativista”.

Problemática

A pesquisa de Tese é a escola como um *lugar e não-lugar* (AUGÉ, 2005), para os jovens do ensino médio das escolas públicas, das cidades de Tocantinópolis/TO, Imperatriz/MA e Marabá/PA, ambas a margens do rio Tocantins, que constitui a chamanda região amazônica-tocantina.

A escola pública contemporânea, na nossa perspectiva não tem se constituído como “lugar” identitário, relacional e histórico, para jovens e juventudes da presentividade, o que se contrapõe ao espaço “cibercultural” das redes virtuais, das mídias sociais da sociedade *duty-free*, que agenciam cultura “eXtremas” para essa geração de mutações juvenis. A partir desse pressuposto jovens e juventudes passam a ser considerados leves, diáfanos, e até niilistas, constituindo, a “utopia da leveza”: “as transformações da vida coletiva individual inlustram de outra maneira a tendência ao leve” (LIPOVETSKY, 2016, p. 22)

Diante disso, nos referenciamos no que consiste uma “boa escola”, para fundamentar nossa Tese na educação ibero-americana, e investigamos jovens e juventudes da região amazonica-tocantina sobre o sentido dessa boa escola para eles.

Dayrell (2007, p. 156) destaca que há na escola uma concepção muito presente: “em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro”.

Neste contexto, Dayrell (2007), nos faz pensar em que mediada a escola “faz” a juventude, ou seja, o que quanto ela – a escola – privilegia a reflexão sobre as indecisões, hesitações, imprecisões, incertezas e indeterminações vivenciadas pelo jovem estudante, de nossas escolas, que não levam em conta sua “condição juvenil”.

Assim como Dayrell (2007; 2016), optamos por trabalhar com a ideia de “condição juvenil”, que em nosso caso se tornou uma categoria para os estudantes sujeitos da nossa pesquisa. Tomamos como corte a idade 15 anos, por considerada idade para o ingresso no ensino médio, e 18 anos por ser a idade final da faixa etária de adolescentes, estabelecida pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Importa ressaltar que compreendemos a juventude como uma construção cultural, que ultrapassa as definições etárias, ainda que em termo de políticas públicas elas estejam estabelecidas.

Assim, como não há uma definição etária para juventude, também não há uma juventude somente, mas “juventudes”, no plural, que é para Oliveira et al, (2015, p. 120) “proposição que aponta para infinitas teias de relações e sociabilidades”.

Da mesma forma trabalhamos com a ideia de “culturas eXtremas” apresentada por Canavacci (2005), que reivindica uma espontânea metodologia polifônica, “metodologia do gozo da diferença” que se contrapõe a todo rigor formal metodológico. As culturas juvenis incrustadas em realidades móveis, desordenadas, multifacetada, com fragmentos e fraturas, permeadas de significados líquidos, que se traduzem em *rave*, *piercing*, *techno*, tatuagem, *bodyscape*, *cut-up*, ciberespaço, *fanzine*, videoarte, ou não.

Resultados parciais

Dussel e Southwell, (2005, p. 33) sinalizam que “la vida em comunidad, los saberes, la institución, la autoridad, la posibilidad de hablar y escuchar, son temas y preocupaciones

que organizan los rasgos de una ‘buena escuela’”, ou seja, uma boa escola é uma escola democrática. Uma boa escola é uma escola que ensina. Uma boa escola é uma comunidade onde todos têm "seu" lugar, e onde existe compartilhamento de valores e princípios coletivos.

Uma “boa escola” é comumente considerada aquela que é de formação e não apenas de tempo integral, com docentes comprometidos práxis emancipatória, atenta às necessidades especiais e inclusivas, aberta à participação da comunidade, com uma educação tecnológica e uma formação científica fundantes, com itinerários curriculares abertos, formação social e desportiva cidadã, num clima propício de autoaprendizagem, com projeto pedagógico conhecido e transparente, com sequências didáticas centrados nos jovens e juventudes, uma boa escola que faça autogestão e sua autoavaliação institucional.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. 1ª ed. francesa. Lisboa: 90 Graus. 2005.

BICUDO, Maria Aparecida. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, Maria; ESPOSITO, Vitória (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora da UNIMEP, p. 15-22, 1994.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Tradução de Olga Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DUSSEL, Inés; SOUTHWELL, Myriam. ¿Qué es una buena escuela? El monitor. n. 5. 5 época, p. 25-33, nov./dic. 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, SP: vol. 28, n. 100 - especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 5 jul. 2020.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2016.

ROCHA, Damião; MAIA, Marcos. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. In: **RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar**. 1, v. I, n. 1, jul./dez, p. 220-237, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/rech/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

OLIVEIRA, José Reinaldo, et al. O papel da internet na [re]construção sócio-histórica da juventude: do jeans às redes sociais digitais. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.), et al. **Juventudes e Tecnologias**: Sociabilidades e Aprendizagens. Brasília: Liber Livro, p.101-128, 2015.

